

Perfil Enzimático nas Enfermidades do Sistema Hepatobiliar

1 – Introdução – várias são as provas laboratoriais utilizadas com o objetivo de estudar as enfermidades hepatobiliares e entre elas, umas procuram avaliar a etiologia do processo hepatocelular, acompanhar a evolução e proceder o prognóstico do caso, enquanto outras são usadas para comprovar perturbações do fluxo biliar de localização intra e extra-hepática e, dentro do possível, fazer o diagnóstico etiológico.

Nestas últimas décadas, tem se verificado a substituição de algumas provas por outras mais sensíveis e específicas em seus objetivos, assim como novas metodologias foram introduzidas por serem mais sensíveis e específicas. Foram abandonadas as chamadas provas de labilidade proteica, como a prova de Hanger (prova de floculação da cefalina-colesterol), reação de Mac Lagan (prova de turvação pelo timol), reação de Kunkel e a reação de Takata-Ara – substituídas definitivamente pela eletroforese das proteínas séricas. A avaliação enzimática ganhou a possibilidade de se obter resultados mais fidedignos como no método cinético, sendo que o radioimunoensaio e o enzimaimunoensaio ganharam maior especificidade que o uso dos anticorpos monoclonais. A avaliação do DNA de grande interesse no estudo da replicação e atividade da doença viral conseguiu especificidade com o método denominado “**western blot**”, hoje já com algumas variantes. O perfeito conhecimento da constituição do genoma do vírus B e a engenharia genética permitiram recombinar parte do DNA desse vírus e sua recombinação com o DNA de levedura, com isso, sendo possível a produção do marcador HBsAg que introduzido no organismo humano provoca a síntese de do anticorpo anti-HBs capaz de conferir imunidade contra o vírus da hepatite B. Todo esse avanço metodológico veio permitir melhor conduta diagnóstica e oportunidades para tentativas de novos processos terapêuticos com a finalidade de se alcançar a prevenção ou a cura de doenças hepatobiliares.

O sistema hepatobiliar compreende o fígado, com suas múltiplas funções (em torno de mil) e os canais biliares, responsáveis pelo escoamento da bile, oriunda da destruição das hemácias e do catabolismo da hemoglobina nos fagócitos.

O fígado, a maior glândula do organismo humano, ocupa um lugar de destaque no metabolismo e devido à sua extraordinária quantidade e variedade de zimases que executam inúmeras funções, exerce uma posição central no metabolismo orgânico. Este órgão possui uma elevada reserva tissular que serve de substrato para as suas mais variadas atividades, determinando a sua excepcional capacidade fisiológica. O tecido hepático funciona com uma margem considerável

de segurança e com apenas 15 a 20% de sua estrutura parenquimatosa íntegra, ainda permanece com suas funções praticamente inalteradas.

Por causa de sua multiplicidade funcional no cenário orgânico, por executar funções semelhantes à de outros órgãos e devido às suas complexas reações químicas, praticamente não existe uma “prova funcional hepática” que seja realmente específica, ou mesmo, que apresente um valor diagnóstico mais ou menos constante em todas as disfunções desse órgão. Isto porque, estes testes em sua grande maioria, são de natureza complexa, podendo inclusive sofrer a influência de fatores extra-hepáticos.

Devido a isso, não existem provas hepatoespecíficas e, portanto, cada uma delas não pode ser avaliada de maneira exclusiva no diagnóstico correto de determinado distúrbio hepático. Entretanto, algumas provas podem ser analisadas em conjunto e, juntamente com os sintomas clínicos, assim como, outros estudos (imunológicos, morfofuncionais, ultrassonográficos, radiológicos, de medicina nuclear, etc.), podem fornecer informações importantes e assim apontar a natureza da lesão hepatocítica.

Nota – este texto é, na realidade, uma breve introdução, por isso queremos esclarecer aos interessados no assunto, que para obter o texto na íntegra (total), basta solicitá-lo, que atenderemos todos os pedidos e enviaremos os mesmos pelos Correios e Telégrafos; portanto, entre em contato conosco através dos nossos telefones ou e-mail.

À Direção.

Maceió, Janeiro de 2.012

Autor: Mário Jorge Martins.

Prof. Adjunto de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).

Mestre em Parasitologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Médico da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA).